

Contrastando epistemologias aplicadas aos discursos sobre tática no futebol

Contrasting epistemologies applied to discourses on tactics in football

Contrastando epistemologías aplicadas a los discursos sobre táctica en el fútbol

PEDRO SILVEIRA BUENO GALANTE¹; GABRIEL ORENGA SANDOVAL²;
LUCAS LEONARDO³; ALCIDES SCAGLIA⁴

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, UNICAMP, LIMEIRA-SP, BRASIL

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, UNICAMP, CAMPINAS-SP, BRASIL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, UFAM, MANAUS-AM, BRASIL

RESUMO

Qual a sustentação epistemológica dos discursos sobre tática no futebol? A Pedagogia do Esporte tem promovido grande debate acerca da sustentação epistemológica de diferentes abordagens de ensino. Ao mesmo tempo, as novas tendências têm buscado organizar o processo de ensino-treino a partir da dimensão tática. Buscamos fazer encontrar essas duas tendências, usando o Glossário do Futebol Brasileiro e entrevistas semiestruturadas para apreender os discursos e analisá-los a partir da Análise de Conteúdo por Redução de Dados. Observamos que os discursos se organizam em três grandes temas. De modo geral, os discursos possuem uma estruturação construtivista, rejeitando a rigidez estruturalista, mas com dificuldades de se associar completamente à Complexidade. Além disso, vimos a aparição de um novo conceito, não descrito no Glossário: a ideia de vantagem. Esse conceito parece sugerir rupturas com a literatura estabelecida, mas carece de mais estudos.

Palavras-chave: Futebol. Tática. Epistemologia. Pedagogia do Esporte.

ABSTRACT

What is the epistemological support of discourses on tactics in football? Sports Pedagogy has promoted debate about the epistemological support of different teaching approaches. At the same time, new trends have proposed to organize the teaching-training process from the tactical dimension. We proposed to find these two trends, using the Brazilian Football Glossary and semi-structured interviews to capture the speeches and analyze them using Content Analysis by Data Reduction. We observed that the speeches are organized into three major themes. In general, the speeches have a constructivist support, rejecting structuralist rigidity, but with difficulties in completely associating themselves with Complexity. Furthermore, we saw the emergence of a new concept, not described in the Glossary: the idea of advantage. This concept seems to suggest breaks with the established literature, but requires more studies.

Keywords: Football. Tactics. Epistemology. Sports Pedagogy.

RESUMEN

¿Cuál es el sustento epistemológico de los discursos sobre táctica en el fútbol? La Pedagogía del Deporte ha promovido un gran debate sobre el sustento epistemológico de diferentes enfoques docentes. Paralelamente, nuevas tendencias han buscado organizar el proceso docente-formativo desde la dimensión táctica. Buscamos encontrar estas dos tendencias, utilizando el Glosario del Fútbol Brasileño y entrevistas semiestructuradas para capturar los discursos y analizarlos mediante Análisis de Contenido por Reducción de Datos. Observamos que los discursos se organizan en tres grandes temas. En general, los discursos tienen una base constructivista, rechazando la rigidez estructuralista, pero con dificultades para asociarse completamente con la Complejidad. Además, vimos surgir un nuevo concepto, no descrito en el Glosario: la idea de ventaja. Este concepto parece sugerir rupturas con la literatura establecida, pero requiere más estudios.

Palabras clave: Fútbol. Táctica. Epistemología. Pedagogía del Deporte.

¹ Graduado em Ciências do Esporte pela Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP). E-mail: pedrogalante21@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-8630-4903>.

² Doutorando em Educação Física e Sociedade pela Faculdade de Educação Física (FEF/UNICAMP). E-mail: gabrielorenga@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1136-477X>.

³ Professor da UFAM. E-mail: prof.lucasleonardo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1567-068>.

⁴ Professor associado na FCA-UNICAMP. E-mail: scaglia@unicamp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1462-1783>.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre tática no futebol tem se popularizado e sofrido transformações importantes nos últimos anos. Dentro da Pedagogia do Esporte, esse movimento não se reduz a uma mera valorização da dimensão tática, mas representa uma nova compreensão sobre a tática enquanto uma dimensão integrativa organizadora do processo de ensino-aprendizagem do futebol (Casarin *et al.*, 2011).

A tática pode ser definida como a gestão do espaço de jogo (Lamas; Seabra, 2006; Teoldo; Guilherme; Garganta 2015). Esse processo compreende uma manifestação do conhecimento na ação, entendido como a “[...] capacidade de perceber, analisar, decidir e realizar a ação que melhor se adapte a uma situação de jogo” (Thiengo, 2021, p. 19). Essa tomada de decisão mobiliza recursos físicos, técnicos e mentais. Ou seja, entende-se que a coordenação das ações táticas pode influenciar outras dimensões do jogo (Garganta, 1997).

Junto da tática, há a estratégia. O planejamento de uma equipe para determinada situação de jogo é sua estratégia (Lamas; Seabra, 2006; Teoldo; Guilherme; Garganta 2015). É a estratégia, e especialmente o combate estratégico, afinal, o adversário também tem sua estratégia e esta tem o objetivo diametralmente oposto do nosso (Garganta; Grehaigne, 1999), que confere dinamicidade à tática. Assim, tática e estratégia compõem o que Teoldo, Guilherme e Garganta, 2015 chamam de “essencialidade estratégico-tática”.

Diante de tamanha importância da dimensão tática, surge a necessidade de amparar os conhecimentos sobre o tema em uma sólida base epistemológica. A Pedagogia do Esporte tem se dedicado a investigar diferentes abordagens de ensino e associá-las a teorias da aprendizagem para compreender seu funcionamento (Silva; Leonardo; Scaglia, 2021).

Tivemos como marco teórico uma interface entre três grandes epistemologias, nomeadamente o Estruturalismo (Lévi-Strauss, 2017), o Construtivismo (Piaget, 2003) e a Complexidade (Morin, 1994; 2015).

Dada a centralidade da dimensão tática proposta pelas novas perspectivas de ensino-treino, o objetivo do estudo foi investigar os discursos relacionados à dimensão tática. Nossa intenção foi compreender melhor como a dimensão tática é concebida, não no sentido de propostas teóricas localizáveis em determinados livros e artigos, mas compreender as abordagens práticas - no sentido do discurso como uma prática individual - que os indivíduos articulam a partir de suas compreensões sobre tática no futebol.

Para tanto, a presente pesquisa propôs investigar o Glossário do Futebol Brasileiro (Thiengo, 2021) e relatos de seu autor, bem como perspectivas de treinadores e treinadoras de futebol, de modo a compreender seus discursos sobre tática no futebol, possibilitando reflexões sobre sua sustentação epistemológica.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa (Yin, 2016), que buscou combinar duas abordagens: a pesquisa documental e a pesquisa de campo.

A pesquisa documental é uma forma de investigação centrada na seleção e análise de documentos que auxiliem no entendimento de uma comunidade ou fenômeno (Fontana, Pereira, 2021). A pesquisa documental comumente se ocupa de fontes chamadas primárias, sem grande tratamento analítico, enquanto a pesquisa bibliográfica se ocupa de documentos do domínio científico sobre determinado tema (Kripka; Scheller; Bonotto, 2015). No entanto, não nos propusemos a separar radicalmente pesquisa documental e bibliográfica, em função de particularidades do documento selecionado para análise.

O Glossário do Futebol Brasileiro (GFB) é uma publicação digital da CBF *Academy* com a proposta de “[...] trazer os principais termos utilizados no futebol brasileiro relacionados às suas dimensões táticas e técnicas” (Thiengo, 2021, p. 3). Ou seja, trata-se de uma fonte secundária, pois reúne de maneira sistematizada informações de diversas fontes, muitas delas acadêmicas. Assim propusemos uma leitura dupla: tanto da perspectiva bibliográfica, das referências estabelecidas que o documento oferece ao estudo; quanto da perspectiva documental, dos discursos próprios que o documento carrega.

A pesquisa de campo, por sua vez, é caracterizada como uma investigação que coleta dados junto a pessoas, com o uso de diferentes recursos (Da Fonseca, 2002). Optamos pelo uso de entrevistas semiestruturadas. Depois da assinatura de todos do TCLE, aprovado em 30 de janeiro de 2023, pelo parecer nº 5.868.672 e CAAE: 65672122.8.0000.5404, no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), iniciamos a coleta de dados. Foram entrevistados o autor do GFB, uma treinadora e dois treinadores. A treinadora e os treinadores tiveram como critério de inclusão ter atuado profissionalmente no futebol brasileiro em qualquer divisão nacional. Os entrevistados foram perguntados sobre suas concepções de uma série de conceitos relacionados à dimensão tática do futebol.

Quadro 1: Caracterização da amostra.

Treinador	Ano de nascimento	Formação	Licença de trabalho	Nível de atuação	Ex-atleta?
Treinadora A	1980	Sem formação	CONMEBOL e PRO	Internacional	Sim, de nível internacional
Treinador B	1981	Educação Física	A	Série D	Não
Treinador C	1985	Educação Física	PRO	Série A	Não

Fonte: elaborado pelos autores.

As entrevistas foram realizadas via Google Meet. Foram gravadas e transcritas, com a gravação sendo excluída posteriormente. As transcrições foram enviadas aos entrevistados para autorização de uso na pesquisa.

Os dados obtidos foram analisados segundo a Análise de Conteúdo por Redução de Dados (Leonardo; Krahenbühl; Scaglia, 2023). Assim, houve quatro etapas: pré-análise, exploração do material, tratamento de dados e interpretação.

A pré-análise é uma leitura flutuante que introduz uma noção inicial dos dados. A exploração do material consiste em uma redução dos textos e falas em paráfrases, conservando as palavras mais significativas. No tratamento dos dados, há a categorização dos excertos a partir de uma abordagem indutiva. Esse procedimento foi realizado pelo primeiro autor e revisado pelo mesmo e demais autores, conferindo validade e confiabilidade (Leonardo; Krahenbühl; Scaglia, 2023) ao processo.

Do tratamento dos dados, emergiram três epistemologias (estruturalismo, construtivismo e complexidade) e três grandes temas (tática e estratégia; cultura, ideia e modelo de jogo; e princípios táticos) que são as categorias centrais sobre as quais realizamos a interpretação dos dados. Esses três temas e essas três epistemologias ajudam a estruturar a apresentação dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para apresentar os resultados, buscamos construir uma estrutura que permitisse organizá-los e facilitar sua compreensão. 1) Análise do GFB – o ponto de partida da

investigação; 2) Grandes temas – apresentação dos três grandes temas que organizam os discursos e as visões dos entrevistados.

ANÁLISE DO GLOSSÁRIO DO FUTEBOL BRASILEIRO

A análise do GFB (Thiengo, 2021), um documento que carrega o “estado da arte” sobre tática no futebol, foi muito importante para definir tópicos dentro desse grande objeto que são os discursos sobre tática no futebol. São eles: Tática e estratégia; Cultura, ideia e modelo de jogo; e Princípios táticos. Cada um corresponde a páginas do GFB, mas são aqui convertidos em tópicos-chaves do estudo.

Sobre o conteúdo desses tópicos, a análise do GFB resultou inconclusiva quanto à caracterização epistemológica. Isso porque ele é marcado pela pluralidade interpretativa. A definição da sustentação epistemológica dos conceitos expostos quase sempre depende da interpretação de uma noção ou palavra-chave. Para nós, foi possível especular todos os conceitos em diferentes direções epistemológicas, sem que o documento oferecesse dados conclusivos a respeito da interpretação mais coerente. Essa é uma característica comum do gênero GFB.

Nosso desenho de pesquisa inicial previa essa possibilidade e justamente por isso contemplou entrevistas com o autor do GFB e treinadores como fontes complementares.

Como as entrevistas são as fontes que apresentam o conteúdo dos tópicos fundamentais, a partir deste ponto, organizamos o texto nestes tópicos, apresentando e discutindo as respostas das diferentes fontes para cada um deles.

TÁTICA E ESTRATÉGIA

O primeiro tópico diz respeito à definição dos dois conceitos fundamentais. O que seriam tática e estratégia?

A partir do GFB, a tática pode ser entendida como a gestão do espaço de jogo (Thiengo, 2021). Aqui o sentido do termo gestão é fundamental. Ao mesmo tempo em que uma concepção de gestão como um processo calculado de administração parece mais estruturalista, a mesma palavra pode evocar um processo dinâmico e fluído de relação com determinado objetivo; uma visão mais complexa.

Já a estratégia pode ser entendida como um plano de uma equipe para determinada situação (Thiengo, 2021). A questão que surge é: qual a rigidez desse plano? O quanto ele pode ser representativo da situação encontrada? Ele é uma espécie de “mapa” do motor íntimo do sistema? Ou uma linguagem para interagir com o jogo? Em resumo, ele ordena ou sugere?

A definição do sentido dessas palavras também vai definir o sentido da relação entre tática e estratégia. A tática é a operacionalização da estratégia? Não poderia a estratégia também ser influenciada por alguma situação tática?

Perguntado a esse respeito, o autor do GFB destacou a relação da tática com a tomada de decisão, enfatizou o termo gestão e esclareceu que nossa investigação propõe uma discussão mais profunda;

A sua questão é de quem tá partindo a intenção. Tática é a forma como os jogadores, por seus posicionamentos, ocupam e gerem o espaço. A sua questão é mais profunda: quem ou como foi falado para fazer isso? É uma questão eminentemente de ensino, não de conceito (Autor do GFB).

Ao gerir o espaço de jogo, o atleta toma decisões e vice-versa. Se essa forma de gerir já está predeterminada, ou, ao contrário, se emerge na dinâmica do jogo é uma questão que ultrapassa a definição do conceito de tática e que propõe uma outra discussão. É interessante pensar que sendo a tática relacionada à tomada de decisão, ela não compreende somente a decisão do que fazer, mas também de como decidir o que fazer: se houver uma predeterminação, irei segui-la?

Todos os treinadores destacaram a questão da tomada de decisão no conceito de tática. Na fala do treinador C, a tomada de decisão aparece com centralidade e com mais destaque que a própria ideia de gestão do espaço.

Eu entendo tática como tudo aquilo que envolve a tomada de decisão do jogador e, de um ponto de vista mais complexo, do sistema como um todo manifestando as soluções que a equipe encontra para os problemas que o jogo impõe (Treinador C).

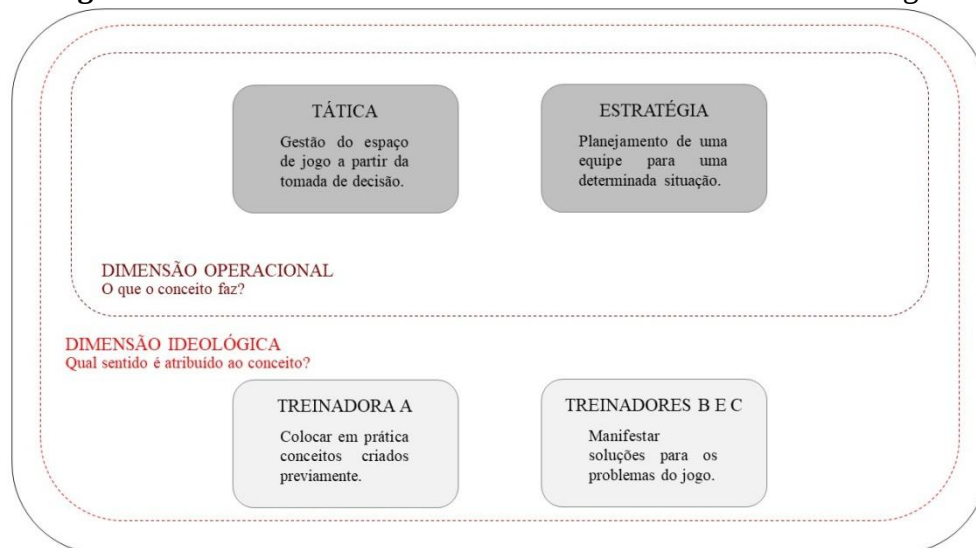
Sobre a estratégia, o autor do GFB esclarece que ela compõe uma interface junto da tática, e que “[...] só é possível ir ao plano de jogo a partir da sua identidade, da mesma forma que o plano de jogo interfere na forma tática”. Assim, entendemos que há um elemento de circunstancialidade fundamental na estratégia. Talvez, para situações que estão muito bem conhecidas, ela ordene. Mas para situações mais novas, tudo que ela pode fazer é sugerir. Sendo o jogo em sua dinâmica um enorme produtor de novidades (Scaglia, 2017), ela muito mais sugere que ordena.

Os treinadores convergiram bastante à fala do autor do GFB: entendem estratégia como um plano que mais sugere que ordena, e que tática e estratégia estão profundamente relacionadas na essência do jogo. Há diferenças sutis em termos de escala: enquanto a treinadora A e o treinador B se ativeram muito mais a estratégia partida a partida, o treinador C também destacou a estratégia em recortes mais longos, como a estratégia para uma temporada.

Assim, temos que os conceitos de tática e estratégia a partir das fontes investigadas possuem uma sustentação mais construtivista, pois não se tratam de estruturas prontas. Eles oferecem sim estrutura para a ação (tomada de decisão), mas não a estereotipam e também são modificados pela ação em jogo.

Destacamos que nos discursos esses conceitos são definidos em termos funcionais, ou seja, a partir daquilo que podem fazer. No entanto, gravita em torno deles uma outra dimensão mais ideológica, daquilo que se pode fazer com esses conceitos: a tática e sua gestão, a estratégia e seu plano... são questões aplicadas aos jogadores para a execução do trabalho de um treinador? Ou são possibilidades oferecidas para o desenvolvimento de sua autonomia, campo de expressão de sua subjetividade? (Leonardo; Scaglia, 2022). Essa é justamente a outra discussão que refere o autor do GFB.

Essa dimensão ideológica está ainda oculta nas definições, mas se infiltra na dimensão funcional a partir da preferência por determinadas palavras. Por exemplo, falando sobre tática a treinadora A diz que tática envolve “[...] criar conceitos e colocar em prática no treinamento e depois em campo”. Enquanto os treinadores B e C, preferem o termo manifestação. Para o treinador B, “[...] a tática está ligada ao plano da manifestação das decisões;” para o treinador C “[...] a tática é tudo que envolve a tomada de decisão manifestando as soluções que a equipe encontra para os problemas do jogo”. Esse jogo sutil de palavras pode ser sugestivo não só de como se entende o que é tática, mas também de para que ela serve no trabalho de cada treinador.

Figura 1: Dimensões relacionadas aos conceitos de tática e estratégia.

Fonte: Elaborada pelos autores.

CULTURA, IDEIA E MODELO DE JOGO

Esse tópico diz respeito especialmente à diversidade de formas de jogar futebol. Se o futebol existe no mundo inteiro sob as mesmas regras, porque é possível enxergar expressões tão diversas? Por que, dentro de um mesmo clube (portanto com a mesma cultura), às vezes até mesmo com o mesmo treinador, podemos ver equipes se comportando tão diferente? Cultura, ideia e modelo de jogo parecem auxiliar na articulação de respostas.

Aqui, focaremos a discussão no conceito de modelo de jogo, entendendo que ele operacionaliza a cultura e as ideias de jogo. A partir do GFB, o entendemos como um conjunto de referências que conectam jogo e treino oferecendo significado à forma de jogar (Thiengo, 2021). Ele parece uma elaboração a partir da ideia de jogo, com preocupação especial com a aplicabilidade e operacionalização, transformando os conceitos em referências para a ação.

Esse é provavelmente o conceito sobre o qual há no GFB elementos mais marcados de sua sustentação epistemológica. Há uma explicação enfática de que o modelo não se trata de uma ideia estruturada que impõe comportamentos, e que há na verdade um rico processo de interpretação e modificação de suas referências a partir dos elementos envolvidos: comissão, jogadores, contextos, objetivos esportivos, recursos disponíveis, etc. Ou seja, de partida está afastada qualquer interpretação estruturalista que conceba o modelo como uma estrutura que se impõe e que impõe comportamentos.

Há, no entanto, espaço para questionar a respeito da maneira que o modelo oferece essas referências que permitem significar o jogar. Se entendemos modelo como uma representação a ser reproduzida, como um quadro daquilo que é pretendido, estaremos sempre comparando o jogo real com o jogo pretendido pelo modelo, e em uma perspectiva construtivista enfatizaremos a tarefa de continuamente construir no real o jogo que o modelo representa. Outra possibilidade é compreender o modelo como um sistema complexo que organiza as interações entre jogadores, treinador, ideias de jogo e estes mesmos elementos da parte adversária. Nessa perspectiva complexa, não há definição prévia das referências, que são na verdade emergências. Emergência no sentido daquilo que emerge da interação de forma não programável, pois não está no nível das partes, existindo somente no nível da interação (Morin, 2005).

O autor confirma a interpretação construtivista quando afirma que:

O modelo de jogo é algo utópico, algo que a realidade não agarra, que está em movimento revelador de uma identidade, mas está em constante transformação (Autor do GFB).

Essa ideia do modelo como representação a ser reproduzida também aparece com muita força na fala da treinadora A. Ela compreende o modelo como um direcionamento do que se quer em cada fase do jogo. O treinador B, por sua vez, faz uma fala muito interessante, afirmando que não trabalha com a noção de modelo de jogo. Ele primeiro define modelo como um conjunto de comportamentos pretendidos para então construir uma crítica a respeito do conceito. Ele problematiza o modelo como uma construção teórica e externa ao jogo e demonstra um temor de que, ao buscar trazer o modelo ao jogo em cada momento, o jogador acabe mais por cumprir uma lógica do modelo de jogo, do que a lógica do jogo.

Se eu partir de algo que não é da lógica do jogo, eu vou buscar vantagem, mas a vantagem não tá conectada a essência. Pode ser então que aquela vantagem não seja uma vantagem permanente, não seja uma vantagem em todos os cenários (Treinador B).

A questão não é que o modelo não possa trazer benefícios, mas que, sendo ele uma definição de determinadas referências, ele possa ter dificuldade para resolver problemas do jogo que tem uma natureza imprevisível, inesperada, circunstancial. Em resposta a sua recusa da ideia de modelo, o Treinador B afirma trabalhar com o conceito de vantagem.

O treinador C também introduz a ideia de vantagem, mas não vê nela uma necessidade de ruptura com a noção de modelo. No entanto, é interessante destacar que o treinador C é o único que conceitua o modelo não como aquilo que se pretende, mas como “[...] o que efetivamente a equipe faz em cada momento do jogo”. Ele complementa ainda que é através do modelo que a característica da equipe se manifesta ao longo do tempo.

Os treinadores não oferecem uma definição precisa da ideia de vantagem, mas deixam pistas que discutiremos melhor no tópico Princípios táticos. Também abordaremos melhor nesse mesmo tópico a tensão entre referência e comportamento que a discussão sobre modelo coloca. É interessante notar que para criticar o conceito, o treinador B o define como conjunto de comportamentos. O autor do GFB insiste no termo referência como um argumento de que o modelo não engessa os comportamentos.

Concluindo o tópico, cultura, ideia e modelo de jogo, temos que esses conceitos são fundamentais para explicar a diversidade de forma de praticar futebol, não se mostrando compatíveis com uma sustentação estruturalista. Embora seja sim possível pensar em conceitos que compõem uma espécie de “estrutura universal,” esta não passa de abstração de elementos mais ou menos comuns em cada caso particular concreto.

Os conceitos enfatizam um movimento de adequação e readequação entre o jogo real e as ideias sobre o jogo muito similar a noção construtivista de construção da realidade. No entanto, percebemos que as ferramentas conceituais usadas nas definições se aproximam muito mais da noção de sistema complexo do que da noção de estrutura. Como explicar então uma não associação ao paradigma complexo?

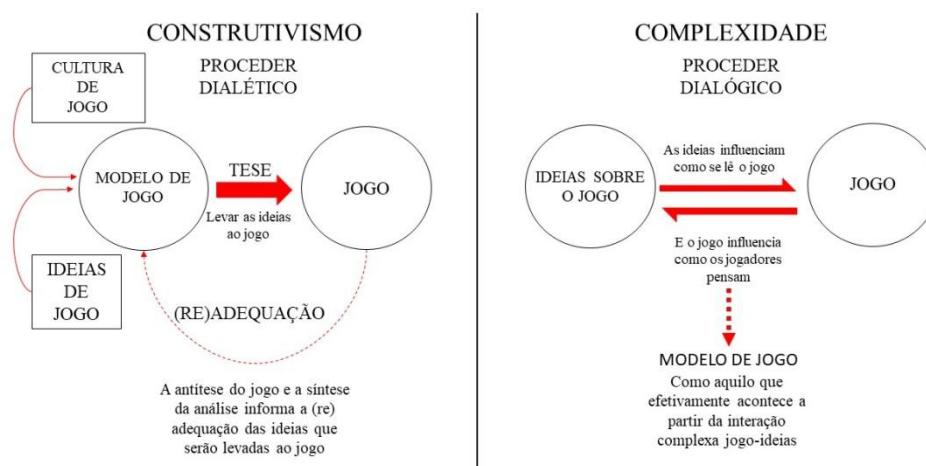
De fato, há o uso de uma noção de sistema muito mais enriquecida que a noção de estrutura: o modelo de jogo vai constituir um modelo de jogo adaptado (Garganta, 1997), por exemplo, a partir da interação com seu meio. No entanto, verificamos que se trata de uma associação que se resume ao componente sistêmico do paradigma complexo e não de sua globalidade. Há uma dificuldade de associação ao componente emergente do paradigma complexo.

O componente sistêmico diz respeito às ferramentas conceituais que dentro do paradigma complexo “operam” a realidade. Ou seja, a noção de sistema complexo com seu enriquecido jogo de interações (*feedbacks* positivos e negativos, autorregulações, multicausalidades). Entretanto, a complexidade não se resume ao “sistemismo”, mas se distingue por um componente emergente. Em Morin (2005), emergência é um conceito que refere ao surgimento de propriedades novas a partir da interação dos elementos de um sistema. Ou seja, o sistema complexo não é apenas um conceito maquinal que “opera” a realidade. O sistema complexo é um conceito criativo que produz nova realidade em sua operação, que atualiza as propriedades de seu sistema a cada interação com a realidade.

No lugar da associação ao componente emergente, o que observamos é uma valorização das ideias de jogo como elementos promotores de uma determinada ordem, bem no sentido de regra de invariância próprio do estruturalismo. Essa ordem se expressa no pensamento abstrato a respeito das ideias de jogo e seus conceitos associados. Ou seja, há uma compreensão de que o comportamento em jogo é resultado de um processo sistêmico (Scaglia *et al.*, 2013), no entanto, seu surgimento é creditado a um sistema de ideias anterior e não como uma emergência desse mesmo processo.

Em termos práticos, isso significa que apesar de compreender que a natureza complexa do jogo impõe variações ao planejado, essas variações são lamentadas e o trabalho é orientado na direção de minimizá-las. Na perspectiva construtivista esses conceitos relacionados às particularidades de uma forma de jogar estabelecem uma relação dialética com o jogo. Informados pelos conceitos, os jogadores buscam levar as ideias ao jogo; o jogo, no entanto, não “aceita” passivamente e produz uma antítese; a síntese busca superar essa oposição readequando as ideias de jogo. No entanto, no instante seguinte, a síntese enquanto ideia readequada toma novamente a posição de tese e os jogadores buscam levar ao jogo a ideia readequada e o ciclo se repete. É por isso que o modelo de jogo é utópico.

Nos mesmos termos, a adesão ao componente emergente significa abraçar a ideia do jogo como uma dinâmica do impensado e compreender que essas variações são não só inevitáveis como desejáveis, pois são a atualização possível do que as ideias de jogo podem ser em cada situação concreta. E em alguns casos, a atualização emergente nas situações de jogo é muito mais rica que qualquer possibilidade planejada ou planejável. Assim, na perspectiva complexa, há uma relação dialógica entre as ideias e o jogo. Ao jogar, os jogadores são confrontados por problemas que precisam ser resolvidos na sua particularidade e novidade. No entanto, os atletas não estão dependentes somente das condições concretas da situação, pois as ideias de jogo influenciam sua percepção e relação com o jogo. É por isso que o modelo de jogo é aquilo que efetivamente emerge.

Figura 2: Diferenças entre a abordagem construtivista e complexa.

Fonte: Elaborada pelos autores.

PRINCÍPIOS TÁTICOS

O GFB define princípio tático como uma “[...] elaboração teórica sobre a lógica interna do jogo” (Thiengo, 2021, p. 44). São apresentados quatro tipos de princípios: gerais, operacionais, fundamentais e específicos (Bayer; Da Costa; Góis 1994; Castelo, 1996; Garganta; Pinto, 1994; Teodorescu; Curado 1984). Cada um tem sua definição, mas suas diferenças se dão especialmente no grau de detalhamento do seu papel comum: ser referência para o cumprimento da lógica do jogo. Assim, aqui vamos propor o debate sobre princípio tático enquanto conceito macro e não desenvolver a respeito da particularidade de cada tipo de princípio.

O princípio tático é um conceito de grande destaque. Ele parece conectado ao modelo de jogo como se fosse uma espécie de unidade funcional. Se o modelo de jogo estrutura o jogar coletivo da equipe, o princípio é esse elemento que orienta a decisão de cada jogador de modo que elas se conectem ao modelo de jogo. O relato da treinadora A ressoa essa ideia de princípio como unidade funcional: “Para mim, os princípios estão relacionados a fazer as partes pequenas do jogo. Aí entra a divisão, os princípios táticos gerais, operacionais...” (Treinadora A).

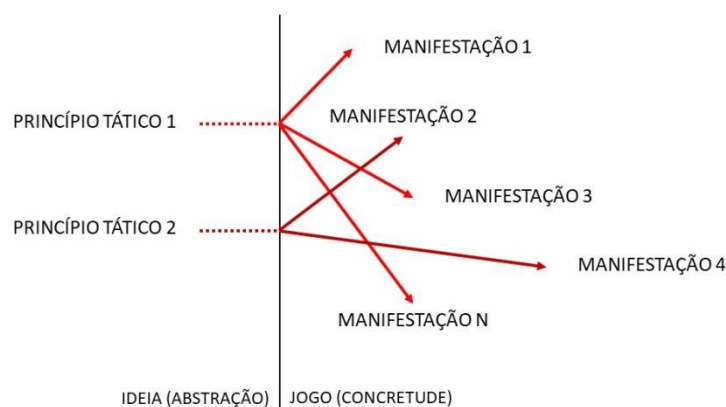
A questão é como efetivamente essa unidade funcional orienta o comportamento dos jogadores. Uma interpretação estruturalista pode enxergar os princípios como referências para o cumprimento ou manutenção de alguma demanda da estrutura do jogo. Nesse sentido, a lógica do jogo seria uma estrutura que organizaria os elementos do jogo e levaria a um certo fechamento em uma ordem do jogo. O princípio seria a ferramenta para “entrar no motor íntimo do sistema” e jogar consistiria basicamente em executar os princípios corretamente. Uma interpretação complexa, por outro lado, se organizaria a partir do sentido de seu nome. Princípio – e não meio ou fim – sugere alguma abertura. Assim, o princípio seria o ponto de partida que permite interagir com a dinamicidade do jogo.

A fala do autor do GFB adiciona elementos novos à discussão. Ele introduz ao conceito de princípio tático a questão da manifestação desse princípio e esclarece que essa relação não é de ordem direta. Mais que isso, ele aponta uma confusão conceitual no debate público sobre o conceito.

A nossa tradição brasileira da educação física é muito influenciada pelo comportamento. E o discurso público confundiu o princípio de jogo... O que se avalia são comportamentos, mas eu posso ter diferentes comportamentos para o mesmo princípio. Porque o princípio está na esfera da cognição, ele é uma ideia. O papel do analista é a partir de comportamentos identificar quais são as ideias por trás daquilo. Só que na nossa tradição behaviorista, a gente igualou o princípio com o comportamento (Autor do GFB).

Ou seja, não há possibilidade de um princípio tático representar um tipo de entrada em um motor íntimo que faz girar o jogo de futebol. Essa possibilidade só faz sentido se considerarmos esse “motor íntimo” em termos abstratos. O que é uma forma de pensar válida e útil em determinados momentos, mas muito pouco produtiva para o jogador. Um exemplo pode ser esclarecedor. Um jogador pode guiar seu comportamento pelo princípio da progressão. Mas o que é progressão? É possível progredir com passes curtos e longos, conduções, tabelas, dribles. Em algumas situações, paradoxalmente, a melhor forma de progredir é ir para trás. Metafisicamente, o princípio da progressão é mesmo uma espécie de chave-mestra. Mas pergunte a um jogador pressionado se isso resolve seu problema.

Figura 3: Contribuição do autor do GFB sobre princípio tático.



Fonte: Elaborada pelos autores.

O jogador sempre precisa atualizar o princípio abstrato para sua situação concreta. É nesse processo que surgem diferentes manifestações a partir das interpretações do princípio. A treinadora A corrobora com essa variabilidade do princípio tático, só que ao invés da ideia de diferentes manifestações, ela destaca como o princípio varia a partir da estratégia de cada momento e das particularidades de cada atleta.

Então, entra o princípio tático dentro da estratégia de jogo. E tem também a tática individual, porque são características e qualidades diferentes. Eu trabalhei em outro país e tive que me adaptar muito, por exemplo, na questão da construção. Eram estratégias diferentes, mas o mesmo princípio tático (Treinadora A).

A noção de que um princípio não é só uma ideia abstrata, mas também o ponto de partida para diferentes manifestações complementa a discussão entre referências x comportamentos propostos pelo modelo de jogo. Se o modelo de jogo for um conjunto de

comportamentos ele busca resultar sempre nas mesmas manifestações. Quando o modelo de jogo é um conjunto de referências, ele oferece princípios cujas possibilidades de comportamentos são múltiplas e variadas.

Esse esclarecimento complexifica a noção de princípio, mas há ainda elementos que podem ser problematizados. Nesse sentido, a fala do treinador B é muito rica. Mesmo que ele se oponha ao conceito de modelo a partir de uma redução do mesmo - entendendo-o como conjunto de comportamentos, não de referências - quando ele contrasta o conceito de princípio com a noção de vantagem, surgem outros elementos que sustentam uma crítica à ideia de princípio tático e consequentemente à ideia de modelo de jogo. Ele aborda o conceito de princípio tático já problematizando: “Pensando como princípios, eu acho que talvez sejam melhores do que olhar como fins táticos. Alguns usam meios táticos”. E oferece um exemplo que ilustra a discussão, o do princípio da amplitude.

Eu preciso levar a bola à zona de finalização, então eu preciso abrir determinada linha do adversário em um setor do campo. Mas lá em outro setor já não vale mais a pena abrir. Então eu não vou precisar manter amplitude. Por isso não é um princípio, não é uma referência do meu jogo a amplitude. Não é uma referência porque não me gera vantagem sempre. Eu não quero buscar a referência, eu quero gerar vantagem (Treinador B).

O treinador não oferece uma definição precisa de vantagem. Quando perguntado, sua resposta buscou conectar a noção de vantagem com o próprio sentido do jogo e sua lógica.

Futebol é jogo. Jogo é busca pela vantagem permanente. Qualquer jogo: tabuleiro, esporte, de carta. Um jogo é a disputa de buscar vantagens, até que eu ganho o jogo. Para isso você tem que entender a lógica do jogo. É por isso que eu parto dela, porque se eu partir de algo que não é da lógica do jogo, eu vou buscar vantagem, mas a vantagem não tá conectada a essência. Pode ser que aquela vantagem não seja uma vantagem permanente, não seja uma vantagem uma em todos os cenários (Treinador B).

A sua distinção do princípio como afastado da lógica do jogo poderia ser retrucada com a própria definição do conceito como “elaboração teórica sobre a lógica do jogo”. Entretanto, na sua fala, o princípio não se afasta da lógica do jogo somente por distância, mas, especialmente, por sua natureza. O princípio é teórico, uma ideia, abstrato. A vantagem, por outro lado, parece estar colocada nas situações concretas de jogo. Se o conceito de princípio espanta interpretações estruturalistas na sua variedade de manifestações, eis aqui a crítica de uma interpretação construtivista do princípio: como ideia sobre o jogo, ele requer continuamente uma construção, um movimento de adequação da ideia a cada situação particular. E sempre correndo o risco de um fechamento nessas ideias, não no sentido da ideia definir comportamentos estritos (a essa altura já superamos esse debate), mas no sentido da ideia moldar tanto as possibilidades de ação que ao invés de jogar interagindo com o jogo em sua linguagem e termos, se jogue buscando conformar o jogo às ideias, retrucando sempre no idioma⁵ pré-estabelecido.

Como pensar então o princípio na perspectiva da complexidade? Ou então devemos adotar massivamente a ideia de vantagem como o novo conceito complexo? Se a fala do treinador B se organiza na distinção entre a noção de vantagem e os conceitos de modelo de

⁵ Essa metáfora do idioma é interessante. Assim como um princípio, um idioma não define o que será dito, mas define brutalmente as possibilidades do que pode ser dito.

jogo e princípio tático, o treinador C reivindica o mesmo conceito, mas sem produzir tantas rupturas.

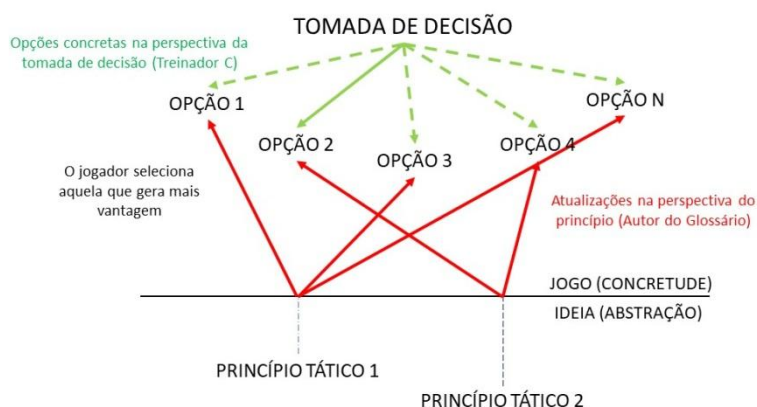
Quando perguntado sobre o princípio tático, o treinador C ofereceu uma definição distinta da do GFB. Ao invés de elaborações teóricas ele entende princípios como ocupações de espaço da equipe. E a partir dessa diferença conceitual, a noção de vantagem aparece fechando a definição:

Entendo os princípios de jogo como ocupações de espaço da equipe que tem como objetivo gerar vantagens ofensivas ou defensivas no sentido de aproximar a minha equipe do cumprimento da lógica do jogo (Treinador C).

Ou seja, ao invés de opor princípio e vantagem, o treinador C os acomoda em um mesmo discurso, fazendo com que trabalhem juntos. O princípio como ocupações de espaço representa possibilidades de ação, enquanto a noção de vantagem ajuda a selecionar os princípios. Esse deslocamento que o treinador propõe chacoalha um pouco o debate sobre princípio e manifestação, abstração da ideia e concretude das situações de jogo que estamos propondo.

Nessa perspectiva de ao buscar vantagens escolher entre princípios entendidos como ocupações de espaço, os princípios tem um caráter bastante concreto. Na perspectiva do jogador, a tomada de decisão é entre opções concretas. A questão da variedade de manifestações de um mesmo princípio não é invalidada, mas fica evidente como é uma perspectiva centrada no princípio. O princípio como ideia abstrata que precisa se atualizar na concretude da tomada de decisão do jogador. Uma perspectiva centrada no jogador, o entende como alguém que lida diretamente com a concretude do jogo e que mesmo que as ocupações de espaço possam expressar princípios como ideias sobre lógica do jogo, a decisão é entre ocupações de espaço, não entre princípios. É interessante que esse deslocamento também produz um desenvolvimento à crítica da interpretação construtivista: ao focar na seleção entre princípios, ele supera aquela possibilidade de um princípio, mesmo na variação de suas manifestações, ainda ser limitante no que diz respeito ao buscar conformar o jogo à ideia prévia do princípio. Na metáfora do idioma, é como se a fala do treinador C nos abrisse os olhos para mais variedade: além da variedade de discursos dentro de um idioma, a possibilidade de falar outros idiomas.

Figura 4: Junção das perspectivas do autor do GFB e do Treinador C.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Acreditamos que essa distinção entre uma perspectiva centrada no princípio abstrato e outra centrada no jogador como agente na concretude é que faz o treinador B entender princípio e vantagem a partir de sua oposição. Porque é então que o treinador C não reproduz essa mesma oposição? Aqui a noção de vantagem se faz fundamental.

Perguntado sobre a noção de vantagem, o treinador C respondeu:

Como o jogo é um confronto de sistemas, se você bater um frame, se você pausar o jogo em um instante, haverá nessa imagem elementos que podem ou não indicar caminhos em que uma jogada pode aumentar sua chance de êxito. Em uma jogada podem haver posicionamentos do adversário que inviabilizam a realização de um ou outro princípio de jogo, mas que viabilizam a realização de outro. Eu entendo vantagem como essa busca pelos melhores caminhos para aumentar a chance de êxito em cada jogada (Treinador C).

O treinador C oferece uma definição mais acabada do que é vantagem e esclarece muito bem como ela se relaciona com os princípios, selecionando aquele que aumentam as chances de êxito da jogada. Apesar de não referir, essa definição do treinador C é a mesma da perspectiva dos Espaços de Fase. Peraita (2021) define vantagens como “[...] situações nas quais um jogador se encontra, em um determinado momento, em uma condição espaço-temporal benéfica para aproximar sua equipe à um EdF⁶ (espaço de fase) melhor” (Peraita, 2021, p. 68). A partir de uma definição clara e operacional, o treinador consegue articular princípio e vantagem, abstração e concretude.

O treinador B, por sua vez, tem uma definição de vantagem muito menos clara. Isso porque a noção de vantagem no seu discurso é central muito mais por seu essencialismo do que por sua operacionalidade. Por vezes, esse essencialismo chega a flertar com algumas perspectivas naturalistas que dificultam bastante a caracterização epistemológica do conceito de vantagem.

É da nossa natureza buscar soluções de pouco gasto de energia. É da nossa natureza e é da natureza do jogo que o problema seja resolvido assim. Então, eu tenho uma conexão entre a natureza do jogo e a minha natureza como ser humano. Por que que então, ao invés de ficar colocando comportamento de fora, eu não busco simplesmente mexer com a percepção desse atleta? A partir disso eu comecei a pensar exercícios em que eu repetia menos comportamento e mexia mais com a percepção do atleta sobre a vantagem (Treinador B).

Quando eu conecto a natureza do jogo e a nossa, que é a mesma porque nos temos origem no mesmo sistema, no mesmo universo. Nós temos a mesma essência. Quando eu conecto as naturezas, eu não preciso mexer com comportamento porque eu não estou fazendo força. Eu estou fazendo justamente o contrário, deixando fluir. E para fazer fluir eu não preciso mexer com repetição. Não estou dizendo que não precisa treinar, mas aí é o próprio jogo que vai treiná-lo. Ele vai jogando com aquela nova percepção que foi apresentada a ele e vai evoluindo (Treinador B).

Há muito elementos que problematizam o debate. O apelo a essa noção de natureza do jogo e do jogador, por exemplo, impacta a questão da pluralidade de formas de jogar. O jogo

⁶ “Os Espaços de Fase propõem partir da observação do jogo fotograma a fotograma, instante a instante, como se pudéssemos suspender a variável tempo e fazer do futebol um jogo mais parecido com o xadrez” (Peraita, 2021, p. 42). Ou seja, um EdF é justamente um instante do jogo, um frame, como coloca o treinador C.

pelas vantagens concretas e naturais, em oposição ao jogo do modelo abstrato e cultura, pode levar a uma certa padronização das formas de jogar, pois, enquanto a perspectiva da cultura é múltipla, a perspectiva da natureza é única. Se é natural, é para todos. É claro que o treinador B não expressa essas ideias; em outro momento falando sobre a natureza dos jogadores ele chega mesmo a afirmar que cada jogador tem sua natureza particular e que valoriza essa diversidade. Mas a falta de uma construção discursiva coesa deixa essas pontas soltas.

É muito desafiador pensar a sustentação epistemológica do conceito de vantagem. Em certo sentido, a sua naturalidade citada pelo treinador B, lembra a naturalidade da “expressão do espírito humano” que é tão cara a Lévi-Strauss (2017) e ao Estruturalismo. E uma interpretação de vantagem como as condições concretas de cada situação de jogo oferecendo uma estrutura para a ação, somente substituiria o fechamento nas ideias de jogo, por outro fechamento, o fechamento no ambiente. É como dizer que em uma situação concreta de jogo, a boa leitura da estrutura, das vantagens indicaria uma melhor resposta e qualquer outra resposta seria menor diante disso.

Uma interpretação construtivista de vantagem relativizaria esse caráter estruturante da noção e destacaria a importância fundamental do jogador construir o conhecimento acerca dessa vantagem. A vantagem só seria vantagem na medida em que o jogador apreendesse a noção e reconhecesse essa vantagem como tal. Ela funcionaria como uma espécie de “centro de funcionamento”. E como cada sujeito articula a construção da realidade com a sua ação particular junto do centro de funcionamento (Piaget, 2003), a aplicação do conceito de vantagem deveria resultar em diferentes melhores respostas para cada indivíduo, embora claro, sempre remetendo ao mesmo princípio advindo do centro de funcionamento.

A questão da concretude seria o fundamental para uma interpretação complexa. Se a vantagem está relacionada às situações concretas, pode-se dizer que ela emerge da interação dos elementos de cada situação. E como cada situação, mesmo as sensivelmente parecidas, são particulares, a noção de vantagem sempre emergiria de uma forma nova, não calculada, incalculável. E no proceder complexo de unir, de tecer junto, não mediria as situações somente pela questão “espaço-temporal” que organiza a definição de Peraita (2021), mas também levaria em conta as potencialidades (Scaglia *et al.*, 2021) e o estado físico e emocional dos atletas.

É impossível localizar a sustentação epistemológica da ideia de vantagem, pois a mesma ainda não possui uma conceituação bem acabada. O termo aparece somente duas vezes no GFB, mas sem conceituação nem aprofundamento. Buscamos trabalhar a partir da definição de Peraita em seu livro *Espaços de Fase* (2021), mas sua definição ainda é bastante frágil: “As vantagens são as situações nas quais um jogador se encontra, em um momento determinado, em uma condição benéfica para aproximar sua equipe a um espaço de fase melhor” (Peraita, 2021, p. 69).

Vemos duas grandes fragilidades que se relacionam nessa definição. Primeiro, não está claro como um espaço de fase pode ser melhor, não há aprofundamento a esse respeito. O único desenvolvimento relevante a partir da definição é a distinção entre cinco tipos de vantagens: numérica, posicional, qualitativa, dinâmica/cinética e socioafetiva. Mas não fica claro como exatamente um espaço de fase pode ser melhor que outro dentro da complexidade do jogo. A segunda questão está relacionada justamente com a ideia de espaço de fase. Essa perspectiva de ver o jogo frame a frame, suspendendo a variável tempo, traz elementos muito interessantes a nível de análise, de identificar as possibilidades, mas precisa ser problematizada quando estamos pensando o conceito de vantagem auxiliando a tomada de decisão do jogador. Um modelo de tomada de decisão pautado nessa concepção de espaço de fases parece bastante limitante. Cabe melhor estudo sobre o conceito de vantagem.

Concluindo a discussão sobre a sustentação epistemológica do conceito de princípio tático ainda vemos uma influência muito construtivista. Pois, mesmo que dentro de um

intervalo de multiplicidades a partir de interpretações e manifestações particulares, o princípio tático carrega a possibilidade de ordenar logicamente a ação dos jogadores. Ele se afasta da complexidade, na medida em que é um elemento prévio que “delira” - e que é cada vez mais desenvolvido para delirar menos - no contato com o jogo; ao invés, de um acessório que é feito justamente para ajudar a dar sentido ao delírio próprio do jogo.

CONCLUSÃO

A partir do que foi observado, concluímos que os discursos sobre tática no futebol são plurais e diversos. Entretanto, encontramos uma predominância da sustentação construtivista, com uma forte preocupação acerca das ideias de jogo. Esse ímpeto organizacional é organizador do trabalho de treinadores, mas há espaço para questionar a sua justa medida pensando que o jogo é um sistema complexo primariamente articulado pelos jogadores. Em nosso estudo, essa questão se expressou nas particularidades relacionadas ao paradigma complexo, especialmente na dificuldade de associação ao que chamamos seu componente emergente. Por último, destacamos a necessidade de mais estudos acerca do conceito de vantagem, bem como de sua sustentação epistemológica.

REFERÊNCIAS

- BAYER, C.; DA COSTA, M.; GÓIS, P. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dina Livro, 1994.
- CASARIN, R. V.; REVERDITO, R. S.; GREBOGGY, D. L.; AFONSO, C. A.; SCAGLIA, A. J. Modelo de jogo e processo de ensino no futebol: princípios globais e específicos. **Movimento**, v. 17, n. 3, p. 133-152, 2011.
- CASTELO, J. **Futebol: a organização do jogo**. Lisboa: FMH Edições, 1996.
- DA FONSECA, J. J. S. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**. Edição do Autor, 2002.
- FONTANA, F.; PEREIRA, A. Pesquisa documental. In: MAGALHÃES JÚNIOR, C. A. O.; BATISTA, M. O. (org.). **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. Maringá: Massoni, 2021. p. 50-70.
- GARGANTA, J. **Modelação tática do jogo de futebol: estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento**. 1997. 318 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 1997. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/10267>. Acesso em: 30 ago. 2024
- GARGANTA, J.; GRÉHAIGNE, J. F. Abordagem sistêmica do jogo de futebol: moda ou necessidade? **Movimento**, v. 5, n. 10, p. 40-50, 1999.
- GARGANTA, J.; PINTO, J. O ensino do futebol. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (org.). **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: FCDEF-UP: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1994. p. 97-137.
- KRIPKA, R.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. Pesquisa documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. **CIAIQ2015**, v. 2, p. 243-247, 2015.
- LAMAS, L.; SEABRA, F. Estratégia, tática e técnica nas modalidades esportivas coletivas: conceitos e aplicações. In: ROSE JUNIOR, D. **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 40-59.
- LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. “Temos que devolver o jogo ao (à) jogador (a)”: as dimensões éticas e morais da pedagogia dos esportes coletivos a partir de abordagens baseadas no jogo. **Movimento**, v. 28, p. e28040, 2022.

Pedro Silveira Bueno Galante; Gabriel Orenge Sandoval; Lucas Leonardo; Alcides Scaglia

LEONARDO, L.; KRAHENBÜHL, T.; SCAGLIA, A. J. Validação e confiabilidade metodológica na pesquisa qualitativa: aplicações a um estudo em pedagogia do esporte. **Motrivivência**, v. 35, n. 66, p. 1-22, 2023.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Vol. 1. 82. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

MORIN, E. **O Método 1**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

PERAITA, A. **Espaços de fase**. São Paulo: MSCsports, 2021.

PIAGET, J. **O estruturalismo**. São Paulo: Difel, 2003.

SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R.; LEONARDO, L.; LIZANA, C. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. **Movimento**, v. 19, n. 4, p. 227-249, 2013.

SCAGLIA, A. J. Pedagogia do jogo: o processo organizacional dos Jogos Esportivos Coletivos enquanto modelo metodológico para o ensino. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 17, n.1, p. 23-38, 2017.

SCAGLIA, A. J.; SILVA COSTA, V. H.; BOSCO, J.; MISUTA, M. MACHADO, J. C. Possibilidades e potencialidades técnico-táticas em diferentes tradicionais jogos/brincadeiras de bola com os pés. **Retos**, n. 39, p. 312-317, 2021.

SILVA, L. N.; LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. J. Epistemologia da prática pedagógica no esporte. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 25, n. 274, p. 145-163, 2021;

TEODORESCU, L.; CURADO, J. **Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos**. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

TEOLDO, I.; GUILHERME, J.; GARGANTA, J. **Para um futebol jogado com ideias**. Curitiba: Editora Appris, 2015.

THIENGO, C. **Glossário do futebol brasileiro**: termos e conceitos relacionados às dimensões técnica e tática. 2. Ed. Rio de Janeiro: Confederação Brasileira de Futebol, 2021.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso Editora, 2016.

Recebido em: 30 ago. 2024.

Aprovado em: 14 jan. 2025.